

NAS ONDAS DO GRAFFITI: ARTE E EDUCAÇÃO NO PIBID 3/UFPEL

THAIS MACHADO DO AMARAL¹; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹UFPEL – thaysmachadodo@hotmail.com

²UFPEL – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo refletir acerca das práticas do *graffiti* como um meio para a formação cultural crítica dos sujeitos no contexto escolar, sejam eles estudantes ou professores. Ele tem como mote a problematização dos resultados de atividades que envolveram essa forma de manifestação artística no âmbito das atividades do subprojeto das Artes Visuais, que compõe o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Pelotas, o PIBID 3/UFPEL.

Os saberes e práticas dessa manifestação artística foram explorados em diferentes atividades desenvolvidas pelos pibidianos em quatro escolas públicas do município de Pelotas integrantes do Programa, por tratar-se de um tema atraente e que abrange uma gama variada de discussões. Caracterizado como uma forma de comunicação, que tem no espaço urbano o seu suporte, o *graffiti* foi reconhecido como expressão artística, integrante da *street art*, no contexto dos movimentos de contracultura da década de 1960. Sendo assim, ele está intrinsecamente relacionado a contestações políticas e ideológicas, e a movimentos de manifestação indentitária, um tema complexo e atraente que pode transformar-se em detonador de questões mais abrangentes, trazidos à tona no meio escolar, geralmente pautado por práticas tradicionais na área das Artes Visuais.

O entendimento do *graffiti* como manifestação artística ganhou força na década de 1970 em Nova York, principalmente, nos guetos da cidade (GANZ, 2010). Mas vale lembrar que desde a pré-história o homem já se expressava através dessa prática, com pinturas em rochas e paredes, precursores, inclusive, da escrita. O *graffiti* é uma manifestação muito comum nos dias atuais, que comunica ideias, estabelecendo uma nova/diferente estética para a urbe através de inscrições que demarcam territórios através de códigos e símbolos característicos, sendo, portanto, uma cultura própria de determinados grupos.

A cidade, espaço público dinâmico e de relações, é o coração e a condição de nossa existência hoje. Muitas vezes beirando o caos, a complexidade dos novos espaços urbanos nos coloca um grande desafio, o de entender os códigos de uma nova visualidade. Nas urbes contemporâneas proliferam marcas e sinais que contam uma história visual das relações do homem com o meio, resultantes do conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças de cada comunidade. A comunicação que essas imagens estabelecem com o espectador cidadão comprova que existem vários textos não-verbais que informam e definem a cultura contemporânea:

O texto não-verbal é uma experiência cotidiana; a leitura não-verbal é uma inferência sobre essa experiência. Da natureza do texto, a leitura faz brotar suas aspirações e ambições metodológicas, mas dela própria, leitura, depende apreender aquela manifestação cotidiana (FERRARA, 2007, p.13).

Assim considerando, os projetos desenvolvidos no âmbito do PIBID 3, pelos bolsistas das Artes Visuais, buscaram abordar o *graffiti* para além da estética das produções, discutindo o uso das imagens no contexto das sociedades tecnológicas contemporâneas, que intensificaram os processos de geração das mesmas, provocando uma saturação do olhares, gerando uma preocupação, inclusive, na área da Filosofia, em função dos rumos tomados pela formação cultural no capitalismo tardio (TREVISAN, 2002). E é no uso das imagens acessíveis como as da arte urbana, ou *street art*, que se pode trazer para discussão a comunicação das imagens.

Na opinião de Lucrécia Ferrara (2002), o texto não-verbal está presente no cotidiano da cidade, porém, ao contrário do verbal, ele não agride nossos sentidos, forçando nossa atenção. Para ser notado o não-verbal exige que se crie uma atenção intencional a ele direcionada, pois somente assim ele será percebido pelo espectador/transeunte. O não-verbal não possui código, uma vez que os elementos nele presentes não possuem uma ligação de imediato, visto que essa associação precisa ser construída. O não-verbal é uma mistura de todos os códigos, até mesmo o verbal, porém este sem função determinante.

Portanto, na consideração do *graffiti* como texto não-verbal, fica clara a necessidade de sensibilizar os olhares para a percepção dessas mensagens. Na busca de desvelar novas significações e procurar outras formas de entender/explicar o mundo, pode-se dizer que a apreensão dos contextos sociais, pela via do olhar estético-crítico, é um modo de construir uma bagagem de conhecimentos significativos capazes de tornar os envolvidos no processo em sujeitos conscientes da realidade e do seu grupo social. Desenvolver as capacidades sensíveis e cognitivas possibilita que se olhe de modo diferente. Perceber o mundo através de suas manifestações cotidianas caracteriza processos educativos que transcendem a lógica do raciocínio científico e oportuniza a percepção sensível.

A escolha do tema em questão se deve à percepção do grupo sobre a importância de tal discussão tanto para professores como para estudantes, tendo-se como objetivo possibilitar aos envolvidos um maior envolvimento com o *graffiti*, além de fomentar na escola discussões acerca da abrangência de abordagens que as linguagens artísticas permitem.

2. METODOLOGIA

A investigação privilegiou uma abordagem qualitativa. Além da revisão bibliográfica sobre a temática investigada, constam dos procedimentos metodológicos: a contextualização histórica do *graffiti*; saídas de campo para observação das manifestações da *street art* no espaço urbano; conversas com grafiteiros; práticas de stencil; análise das imagens, tendo por base os estudos de Jacques Aumont (1993), considerando que estas têm origem na esfera do simbólico, vinculado ao imaginário, individual e/ou social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *graffiti* é utilizado nas ações pibidianas como um meio para alcançar-se discussões mais profundas acerca da arte, e é nesse viés que esse estudo busca o entendimento de como tal manifestação pode revelar-se de forma sutil como um recurso primordial para as discussões acerca das manifestações culturais e suas inter-relações criativas. A análise dos resultados obtidos aponta para a necessidade dos sujeitos terem experiências práticas que possam dar suporte as

suas reflexões acerca desses processos. Isso, pois tais vivências proporcionam a todos o exercício da reflexão crítica e da expressão criadora. Segundo Ana Mae Barbosa (2005) dentre as artes, as visuais - tendo a imagem como matéria-prima - tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos. O estudo sobre como se dá esse processo de percepção, reflexão e crítica, oportunizou a constatação da inferência de tais práticas em seu potencial comunicativo na vida cotidiana das cidades. Além disso, as ações oportunizaram discussões acerca da arte e sua natureza interdisciplinar, facilitadas pela imersão no universo instrumental da linguagem do *graffiti*. Conhecer, acima de tudo, os meandros próprios do ato criativo, demonstrou que as ofertas culturais são generosas em termos estéticos e muito dessa cultura entra na escola inadvertidamente para chocar-se e interagir com a cultura que ali se produz. (PILAR, 2009).

4. CONCLUSÕES

Concluimos que as discussões oportunizadas aos participantes das atividades abrem uma gama de novas reflexões e possibilidades de aperfeiçoamento, novos trabalhos e estudos sobre diversas questões dentro e fora do âmbito das Artes Visuais. Perceber os detalhes, a sobreposição das mensagens, as composições transitórias e a comunicabilidade das inscrições nos forneceram matéria para uma recepção coletiva simultânea, que propôs o aprendizado de olhar e repensar o espaço urbano de acordo com o processo de aceleração das cidades contemporâneas. Isso comprova que propostas de uma Arte/Educação voltada para o exercício da cidadania contribui sobremaneira para a conscientização dos indivíduos, posicionados como agentes de transformação de seu contexto sócio-histórico.

Percebemos que tais assuntos são importantes de serem trazidos também a estudantes, eles precisam ser problematizados e debatidos no espaço escolar, principalmente, no que se refere às formas não convencionais através das quais se dá comunicação no convívio social do dia-a-dia e que se refletem no ambiente escolar.

O que foi dito até agora permite afirmar que a cultura urbana e suas manifestações expressivas, em particular o *graffiti*, são temas fundamentais para a Educação. Por ocuparem uma boa parte da experiência cotidiana das pessoas são significativas tanto para produtores como para receptores. Tal perspectiva, que vai além de experiências de apreciação e de prazer estético, suscita a compreensão crítica do papel das práticas sociais do olhar e das representações visuais, de suas funções sociais e das relações de poder às quais se vinculam.

Seja fomentando o diálogo sobre as relações do homem com o meio, desconstruindo a linguagem, explorando sua potencialidade narrativa ou assumindo um posicionamento diante do contexto nacional, os artistas grafiteiros com suas obras definem sistemas de elaboração de realidades que nos falam sobre as relações do homem urbano com seu meio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2002.

GANZ, Nicholas. **O Mundo do Grafite: arte urbana dos cinco continentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PILAR, Analice Dutra (org.). **A Educação do Olhar no ensino da arte**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Pedagogia das imagens culturais: da formação cultural a formação da opinião pública**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.